

Festa cívica e tom eleitoral marcam as comemorações

Bolsonaro prioriza defesa de seu governo e ataques a adversários. Chefes de outros poderes se ausentam em Brasília

As cerimônias realizadas nas principais cidades brasileiras destinadas a celebrar os 200 anos da Independência, ontem, apresentaram os tradicionais desfiles cívicos, mas também foram marcadas pela disputa eleitoral em andamento.

Os principais eventos vinculados ao 7 de Setembro, a começar pelos festejos oficiais em Brasília, reuniram sobretudo apoiadores do atual presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL). Houve também manifestações paralelas, como o Grito dos Excluídos.

Na capital federal, o desfile contou com 31 mil militares, alunos de escolas do Distrito Federal e apresentação da Esquadilha da Fumaça sobre a Esplanada dos Ministérios, onde estavam os presidentes de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, de Cabo Verde, José Maria Neves, e de Guiné-Bissau, Umaro Sissoco Embaló. Os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux, decidiram se ausentar.

Sem mencionar Bolsonaro, o ministro do STF e presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes, afirmou, em rede social, que "o Bicentário de nossa Independência merece ser comemorado com muito orgulho e honra por todos os brasileiros e brasileiras, pois há 200 anos demos início à construção de um Brasil livre e a histórica marcha pela concretização de nosso Estado democrático de direito".

Críticas

O ambiente eleitoral ganhou força logo depois da parada cívico-militar, ainda durante a manhã. Em seu discurso de pouco mais de 10 minutos, Bolsonaro optou por não fazer referência a termos como Independência ou bicentário. Em vez disso, fez elogio à liberdade, defendeu seu governo em áreas como a economia e, sem citar nomes, fez críticas alusivas ao PT: "Sabemos que temos pela frente uma luta do bem contra o mal. O mal que perdurou por 14 anos em nosso país, que quase quebrou a nossa pátria e que agora deseja voltar à cena do crime. Não voltaráo.

No mesmo pronunciamento, sugeriu aos homens solteiros que procurem "princesas" para se casar e serem mais felizes, recomendou aos eleitores que comparassem as primeiras-damas como outro fator para orientar seus votos, e repetiu por cinco vezes, ao microfone, o coro de "imbrotável" que ouviu de apoiadores na plateia.

O presidente voltou a se referir ao STF, um de seus principais alvos ao longo dos últimos anos, mas de forma mais velada:

- (...) Todos sabemos o que é o Supremo Tribunal Federal.

Bolsonaro citou fatos históricos, como o golpe militar de 1964 e sua própria eleição, para dizer que a "história pode se repetir":

- Quero dizer que o brasileiro passou por momentos difíceis, a história nos mostra. 22 (revolta tenentista), 35 (insurreição comunista), 64 (golpe militar), 16 (impeachment de Dilma Rousseff), 18 (eleição do próprio Bolsonaro) e, agora, 22 (eleições atuais). A história pode repetir.

O enredo foi similar no Rio de Janeiro, para onde o presidente seguiu à tarde. No aspecto festivo, a cidade recebeu apresentações de bandas marciais e teve um "tributo cívico-militar" com show aéreo. Na esfera política, Bolsonaro realizou motociata e, na sequência, fez discurso a um público formado por apoiadores de sua candidatura (confira mais na página 7).

O presidente atacou seu principal oponente, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), à frente nas pesquisas de intenção de voto, a quem chamou de "quadriheiro", e chegou a defender a supressão da esquerda:

- Esse tipo de gente tem que ser extirpada da vida pública.

O comando da campanha de Lula informou que irá recorrer ao TSE sob alegação de abuso de poder econômico e político por parte de Bolsonaro (leia mais na página 8).

São Paulo também reuniu majoritariamente apoiadores do presidente na programação de 7 de Setembro realizada na Avenida Paulista. Em Porto Alegre, após desfile na Avenida Beira-Rio, complementado por saltos de paraquedistas sobre o Guaíba, a militância favorável ao presidente



No Rio de Janeiro, evento na orla de Copacabana se tornou praticamente um ato de campanha

se reuniu no Parcão (confira mais na página 7). Em pontos do Rio e de São Paulo, foram vistas faixas pedindo a destituição dos ministros do STF e intervenção militar, o que é inconstitucional. Na capital gaúcha, um carro de som trazia a inscrição "Supremo é o povo".

Protestos

Adversários de Bolsonaro se concentraram em atividades paralelas, como o Grito dos Excluídos, organizado por movimentos sociais, partidos de esquerda e centrais sindicais em diversas cidades do país (leia mais na página 8). Em Porto Alegre, o ato foi realizado no bairro Partenon, na Zona Leste.

Nessas manifestações, os participantes fizeram protestos contra a miséria, o racismo, e exigiram melhores condições de saúde, educação, trabalho e moradia. Em São Paulo, a mobilização teve críticas ao presidente em pronunciamentos feitos a partir de um caminhão estacionado junto à Catedral da Sé.

O cientista político da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Paulo Peres, analisou o clima de campanha que marcou em grande parte o 7 de Setembro:

- Em outros países, o Dia da Independência é comemorado como uma data cívica, de unificação, para além das questões partidárias, cuja celebração fica sob responsabilidade do Estado e em nome da cidadania. Poderíamos ter tido uma festividade muito maior.

Em SP, pedidos de reeleição e hostilidades ao Supremo

PAULO EGÍDIO
paulo.egidio@zerohora.com.br
São Paulo

Milhares de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro se reuniram no 7 de Setembro na Avenida Paulista, em São Paulo, em ato de apoio ao governo federal e à reeleição do presidente. Durante o evento, a ode a Bolsonaro dividiu espaço com críticas ao Supremo Tribunal Federal (STF), ao Congresso Nacional e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), principal concorrente de Bolsonaro e líder nas pesquisas.

Ao todo, 13 caminhões de som receberam autorização para funcionar na avenida. A maior aglomeração se deu nas proximidades do Museu de Arte de São Paulo (Masp), onde estacionou o cami-

nhão do movimento Nas Ruas.

Parte dos manifestantes pedia o impeachment dos ministros do STF, possibilidade que está prevista em lei, ou, de forma genérica, a saída deles de seus cargos. Outros sugeriam que Bolsonaro deveria acionar as Forças Armadas para destituir os ministros do Supremo, o que seria uma medida inconstitucional e antidemocrática. O bordão "Supremo é o povo" foi puxado incontáveis vezes, a fim de fustigar a Corte.

Filho do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL) externou a reclamação:

- Estamos aqui hoje dobrando a aposta contra os abusos do STF - anunciou Eduardo durante o discurso, lembrando que, caso seja reeleito, o pai indicará dois ministros para a Corte no próximo mandato.



Multidão se concentrou na Avenida Paulista em apoio ao presidente

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: 7 de Setembro **Página:** 6